

NCI-001-1



Etenhiritipá

CANTOS DA TRADIÇÃO XAVANTE

A P R E S E N T A Ç Ã O



O povo Xavante, como ficou conhecido pelos brancos, ou Auwê, como se auto-denominam, vive há muito e muito tempo na região centro-oeste do Brasil, nos vastos e abertos campos do Cerrado. São parte desse mundo, desde o tempo da criação, aprendendo com seus ancestrais a arte de viver nesse lugar.

Tudo o que precisam para a vida está ali: a caça abundante, variedades de frutos e raízes, peixes, as folhas de pal-

meira para construir as casas e cestos, as árvores que dão bons arcos, flechas e bordunas, as plumas e cores das tintas naturais para a beleza do corpo e do espírito.

E do sonho vem o poder, o ensinamento para seguir no caminho da tradição, a proteção dos ancestrais para a vida cotidiana, a beleza dos cantos cerimoniais que renovam o ato da criação.



Por milhares de anos viveram ali, no Cerrado, percorrendo extensões enormes em suas expedições de caça, conhecendo cada pequeno pedaço de seu território, ao pé da Serra do Roncador.

Para esse povo o "Brasil" é uma novidade recente. Foi na década de 40, às vésperas do século XXI, depois de um tempo difícil de muitas guerras e mortes que os Xavante decidiram "pacificar os brancos" e estabelecer contato com os "warazu".

Assim, o grande chefe Ahöpowê (Apoena), às margens do rio que ficou conhecido como Rio das Mortes, na aldeia mãe do povo Xavante, abriu um novo tempo para sua gente que vive agora em dezenas de outras aldeias espalhadas pelo estado do Mato Grosso.



E . T . E . N . H . I . R . I . T . I . P . Á



Hoje, os Etenhiritipá - "o povo Auwe da Serra do Roncador", netos e bisnetos de Ahöpowe, se-
guem vivendo no mesmo
lugar, caçando, fazendo
suas casas de palha de
buriti, ensinando aos fi-

lhos as histórias antigas e buscando um jeito novo de se
relacionar com os que chegaram.
Este disco faz parte desse novo
tempo e de um jeito novo de
manter o contato com os "warazu",
os que não são Auwe. Traz os can-
tos que surgem nos sonhos dos
homens adultos, entregues pelo es-
pírito dos antepassados, e que são
depois apresentados pelos "sonha-
dores" a toda a aldeia que os in-
corpora às cerimônias.



E . T . E . N . H . I . R . I . T . I . P . Á

ETENHIRITIPÁ

Cantos da Tradição Xavante

Etenhiritipá foi idealizado e realizado pelo Núcleo de Cultura Indígena e pela comunidade Xavante.

A decisão de se fazer este disco e a seleção dos cantos que foram gravados passaram pela tradicional consulta ao Warô, o Conselho Tribal, e as gravações aconteceram em julho de 1992, durante toda uma semana de lua cheia, no pátio central da aldeia, que para os brancos é a Aldeia de Pimentel Barbosa.

A seleção, edição e mixagem do material gravado foram feitas nos estúdios da Quilombo, em março de 1993, com a participação do pessoal Xavante.

Produção e direção: Angela Maria Pappiani

Gravações na aldeia de Pimentel Barbosa/ MT: Evandro Lopes e Angela M. Pappiani

Mixagem: Evandro Lopes / estúdio Quilombo

Edição e supervisão de mixagem: Paulo Cipassé Xavante, Paulo Francisco Supretaprá, Tsuptó Buprewen Wairi Xavante e Angela M. Pappiani.

Projeto e produção gráfica de capas e encartes: ImaginArt/Eduardo Okuno

Fotografias: Rosa Gauditano

Textos: Angela M. Pappiani

Além de todo o povo da aldeia, cerca de 600 pessoas, que cantaram e dançaram e tornaram este disco possível, teve um outro povo que, de longe, participou e apoiou o trabalho: Ailton, Nishi, Erlié, Adriana, Dudu, Cristina, Arthur, Maira e Inimá, Camila, Marcinho, Bituca, André, Severiá, Claudinha, Tomás, o pessoal da Fundação Gaia de Londres e tantos outros amigos...

Com reverência e carinho a uma pessoa especial que esteve o tempo todo junto, iluminando nosso caminho - Warodi.

Este disco é parte do trabalho do Núcleo de Cultura Indígena de trazer ao conhecimento de um público mais amplo a arte e a tradição dos povos indígenas que vivem hoje no Brasil.

Os Cantos

1. Dú Nhõre - entre julho e setembro, na época da seca, o povo Xavante realiza as caçadas cerimoniais com fogo. Os homens, pintados, cantam e dançam em círculo no pátio central da aldeia chamando sorte e fartura para a caçada.

2. Darô wihã - canto para a cerimônia de iniciação dos waptê, os adolescentes, que acontece quando os meninos que estão entre 12 e 13 anos são separados das famílias e vão viver juntos na casa dos adolescentes - Hô onde recebem orientação e ensinamentos dos padrinhos.

3/4 Watê Aba nhõre - para os waptê concluírem a fase de preparação para a vida adulta e se tornarem perô'wã, passam pela cerimônia de furação de orelha. Este canto acontece no final da cerimônia, depois que já estão com as orelhas furadas.

Daprába - depois da cerimônia de furação de orelha, padrinhos e adolescentes cantam e dançam juntos, formando uma grande roda.

5. Aweu danhõre - os homens se reúnem no centro da aldeia e cantam de madrugada para despertar as mulheres para as atividades do dia.

6. Dapara'rá - as mulheres realizam corridas cerimoniais de cerca de 4 km onde os clãs opostos disputam. Este canto acontece ao final da corrida, já no pátio da aldeia.

7. Danhi marataptô - de manhã, bem cedinho, as mulheres cantam no pátio da aldeia, passando em frente às casas, batendo os pés e as palmas das mãos nos preparativos para a cerimônia da corrida.

8. Wa'á - cerimônia sagrada para os homens Xavante que acontece mais ou menos a cada 10 anos. Reúne toda a comunidade ao longo de quase um mês em torno de diversos rituais diferentes. Este canto começa com o som do Umrêre - instrumento de sopro com forte significado espiritual e segue acompanhado de chocinhos. Os homens, enfeitados com plumas e com o corpo pintado de urucum dançam e cantam do pôr do sol até a manhã seguinte.

9. Wanãridobê - este conjunto de cantos dos padrinhos faz parte da cerimônia de furação de orelha dos waptê. Durante o período em que os waptê se preparam cantando e dançando dentro do rio para o momento de furar a orelha, os padrinhos e madrinhas dos adolescentes passam também por uma dura prova cantando e dançando em círculo por horas seguidas.

10. Marã wawa danhõre - é costume Xavante os padrinhos e adolescentes cantarem e dançarem diferentes cantos durante todo um dia para alegrar os velhos. Aqui, as crianças da aldeia, animadas com as gravações, imitam os waptê no canto da meia noite.

11. Datsi' waio - durante a cerimônia de nomeação das mulheres que acontece a cada 8 ou 10 anos, os homens da aldeia cantam movimentando os braços para frente e para trás numa coreografia especial.

12. Pôpara nhõre - este é o canto da luta do Wa'i. A luta do Wa'i acontece entre os waptê e os padrinhos durante o período em que estão recolhidos na casa dos adolescentes - Hô. É um treinamento que faz parte da formação dos jovens na passagem para o mundo dos adultos.

13. Dahirata nhõre - quando os adolescentes saem do Hô e se preparam para entrar no rio na cerimônia de furação de orelha, se enfeitam, cantam e dançam no Wa'á, pátio central da aldeia.

ETENHIRITIPÁ

Cantos da Tradição Xavante

Etenhiritipá foi idealizada e realizada pelo Núcleo de Cultura Indígena e pela comunidade Xavante.

A decisão de se fazer este disco e a seleção dos cantos que foram gravados passaram pela tradicional consulta ao Wa'á, o Conselho Tribal, e as gravações aconteceram em julho de 1992, durante toda uma semana de lua cheia, no pátio central da aldeia, que para os brancos é a Aldeia de Pimentel Barbosa.

A seleção, edição e mixagem do material gravado foram feitas nos estúdios da Guilombo, em março de 1993, com a participação do pessoal Xavante.

Produção e direção: Angela Maria Pappiani

Gravações na aldeia de Pimentel Barbosa/ MT: Evandro Lopes e Angela M. Pappiani

Mixagem: Evandro Lopes / estúdio Guilombo

Edição e supervisão de mixagem: Paulo Cipassé Xavante, Paulo Francisco Supretaprá, Tsuptó Buprewen Wa'it Xavante e Angela M. Pappiani

Projeto e produção gráfica de capas e encartes: ImaginArt/Edoardo Okuno

Fotografias: Rosa Gaudiano

Textos: Angela M. Pappiani

Além de todo o povo da aldeia, cerca de 600 pessoas, que cantaram e dançaram e tornaram este disco possível, teve um outro povo que, de longe, participou e apoiou o trabalho: Altton, Nishi, Erle, Adriana, Dudu, Cristina, Arthur, Malto e Inimã, Camilo, Márcinho, Bituca, André, Severiã, Claudinha, Tomás, o pessoal da Fundação Gaia de Londres e tantos outros amigos.

Com reverência e carinho a uma pessoa especial que esteve o tempo todo junto, iluminando nosso caminho - Waroi.

Este disco é parte do trabalho do Núcleo de Cultura Indígena de fazer ao conhecimento de um público mais amplo a arte e a tradição dos povos indígenas que vivem hoje no Brasil.

E . T . E . N . H . I . R . I . T . I . P . A

14. **Dahipópo** - nesta mesma cerimônia que precede a entrada dos Wapté no rio, ao pôr do sol eles cantam para se despedir das mães porque a partir desse momento, durante todo o período de preparação, não poderão falar com mais ninguém na aldeia.
15. **Dadza rôno** - canto dos wapté interpretado aqui pelas crianças da aldeia.
16. **Datsi Wapsi** - canto coletivo que reúne toda a aldeia, como numa brincadeira no Warã para chamar força espiritual para o povo Auwe.
17. **Wai'á rōwāronāhā** - canto da cerimônia do Wai'á que acontece quando o sol está muito quente, perto do meio dia. Homens e adolescentes cantam e dançam ao som do chocallo, numa coreografia muito rápida, para atrair os maus espíritos e enfrentá-los demonstrando coragem e determinação.
18. **Uiwede nhōre** - padrinhos e adolescentes se pintam com urucum e carvão para a corrida da tora de buriti, uma corrida de "revezamento" onde as "equipes" correm cerca de 10 km passando uma tora da palmeira de buriti com cerca de 60 kg, dos ombros de um atleta para o outro. Ao chegar ao pátio da aldeia, cantam percorrendo o círculo das casas.
19. **Saūri nhōre** - canto de chegada da corrida das mulheres. A corrida começa a cerca de 4 km da aldeia e termina no pátio central - Warã. Na chegada, as mulheres cantam juntas, a princípio no centro da aldeia e depois andando em volta, em frente das casas.
20. **Bōtōsi renā danhōre** - quando o povo da aldeia está triste ou muito quieto, os velhos chamam todos para cantar e dançar juntos e alegrar o espírito.
21. **Daparawē** - final da cerimônia do Warāridobē. Homens e mulheres cantam e dançam em círculo enquanto alguém, de repente, salta sobre um dos participantes do círculo com gritos fortes para assustar e testar a atenção dos cantores.

E . T . E . N . H . I . R . I . T . I . P . A

22. **Mārāwī danhōre** - canto coletivo que acontece após a furação de orelha dos wapté, ao final da cerimônia.
23. **Marāre danhōre** - Os wapté e os padrinhos cantam pela manhã, bem cedo, depois da luta da cerimônia do Wai'á.
24. **Rōwahō daprába** - canto coletivo das mulheres.
25. **Warā daptō** - brincadeira onde todo o povo da aldeia participa, cantando e dançando no Warã, durante as cerimônias de furação de orelha.
26. **Datsi uiri** - canto de finalização da corrida das mulheres, realizado ao pôr do sol.
27. **Siubdatō amā danhōre** - canto coletivo que também faz parte das cerimônias de furação de orelha onde todos, homens, mulheres, adolescentes e crianças participam.
28. **Bōtōud danhōre** - canto da tarde da cerimônia da furação de orelha.
29. **Marāre daprába** - canto coletivo que reúne o povo da aldeia antes do sol nascer e que integra as cerimônias de furação de orelha.
30. **Oi oi wá dazarōni** - os ritewá, jovens que já fazem parte do mundo dos adultos, gritam alto, de madrugada, para acordar e deixar alerta as crianças que vão participar da luta do Oi oi wá.
31. **Howahou dazarōnō** - meninos e meninas, entre 2 e 10 anos de idade, se juntam no pátio da aldeia para cantar imitando os adolescentes. Este canto faz parte da cerimônia de furação de orelha, quando os wapté vão entrar no rio.

ETENHIRITIPÁ

Cantos da Tradição Xavante

Etenhiritipá foi idealizado e realizado pelo Núcleo de Cultura Indígena e pela comunidade Xavante.

A decisão de se fazer este disco e a seleção dos cantos que foram gravados passaram pela tradicional consulta ao Warã, o Conselho Tribal, e as gravações aconteceram em julho de 1992, durante toda uma semana de lua cheia, no pátio central da aldeia, que para os brancos é a Aldeia de Pimentel Barbosa.

A seleção, edição e mixagem do material gravado foram feitas nos estúdios da Quilombo, em março de 1993, com a participação do pessoal Xavante.

Produção e direção: Angela Maria Pappiani

Gravações na aldeia de Pimentel Barbosa/ MT: Evandira Lopes e Angela M. Pappiani

Mixagem: Evandira Lopes / estúdio Quilombo

Edição e supervisão de mixagem: Paulo Cipassé Xavante, Paulo Francisco Supretapirā, Tsupitō Bupixewen Wairi Xavante e Angela M. Pappiani

Projeto e produção gráfica de capas e encartes: ImaginArt/Eduardo Okuno

Fotografias: Rosa Gaudiano

Textos: Angela M. Pappiani

Além de todo o povo da aldeia, cerca de 600 pessoas, que cantaram e dançaram e tornaram este disco possível, teve um outro povo que, de longe, participou e apoiou o trabalho: Alton, Nishi, Erlé, Adriana, Dudu, Cristina, Arthur, Malra e Inimá, Camila, Márcinho, Bituca, André, Severid, Claudinha, Tomás, o pessoal da Fundação Gaia de Londres e tantos outros amigos...

Com reverência e carinho a uma pessoa especial que esteve o tempo todo junto, iluminando nosso caminho - Warod.

Este disco é parte do trabalho do Núcleo de Cultura Indígena de trazer ao conhecimento de um público mais amplo a arte e a tradição dos povos indígenas que vivem hoje no Brasil.

